



POLITICA OPERÁRIA

Agora é a vez de Bolsonaro atacar a classe operária

O governo Temer impôs a reforma trabalhista e a lei da terceirização. Assim, os capitalistas ficaram com as mãos livres para demitir à vontade, contratar com salários menores, alterar a jornada, usar o trabalho temporário e, sobretudo, ampliar a terceirização. É uma brutal violência contra os assalariados e suas famílias.

Agora, o governo Bolsonaro completará essa obra aterrorizante. Nem bem começou a governar, decretou o salário mínimo de fome de R\$ 998,00, dissolveu o Ministério do Trabalho, e está para apresentar um projeto que dificulta ainda mais aos explorados se aposentarem. Isso não é tudo. Prometeu ir mais fundo na reforma trabalhista. O objetivo principal é o de acabar de uma vez por todas com a CLT e com a Justiça do Trabalho. Esse governo, formado de militares, vai amarrar o Brasil aos Estados Unidos, como se amarrava o escravo ao tronco. O imperialismo norte-americano é a potência que saqueia o mundo e promove guerras. Bolsonaro vai entregar ainda mais as reservas de petróleo às multinacionais. Seu objetivo maior é o de entregar a Petrobras ao capital estrangeiro, imperialista.

Os explorados que têm ilusão de que esse governo será bom para o povo, logo sentirão na carne o fer-

ro em brasa do escravizador Bolsonaro. Os operários conscientes devem se colocar imediatamente em posição de luta.

O Boletim Nossa Classe defende que as centrais, sindicatos e movimentos populares organizem uma campanha nacional com os seguintes objetivos: 1) defesa dos empregos com carteira assinada e dos

Os explorados que têm ilusão de que esse governo será bom para o povo, logo sentirão na carne o ferro em brasa do escravizador Bolsonaro. Os operários conscientes devem se colocar imediatamente em posição de luta.

salários; 2) aumento do salário mínimo a um valor que cubra todas as necessidades da família operária; 3) revogação da reforma trabalhista; 4) fim de toda terceirização; 5) não à reforma da Previdência; 6) não à destruição das conquistas da CLT; 7) contra a extinção do Ministério e da Justiça do Trabalho; 8) não

à subordinação do Brasil aos Estados Unidos e a Trump; 9) fim das privatizações e estatização sem indenização das já privatizadas; 10) nacionalização total de toda riqueza natural (petróleo, etc.); 11) pelas liberdades democráticas (direito de greve e de manifestação).

O Boletim Nossa Classe defende que os sindicatos e movimentos convoquem assembleias e que formem os comitês de base para organizar unitária e democraticamente os explorados em todo o País.

BRASKEM: COMBATER AS DEMISSÕES COM A REDUÇÃO DA JORNADA, SEM REDUÇÃO DOS SALÁRIOS

No dia 18 de novembro, a Odebrecht demitiu mais de 100 trabalhadores, e a Manserv, 200. São mais de 300 operários que perderam seus empregos. A única fonte de renda que tinham para levar o prato de comida à família. Na sociedade capitalista, os operários contam com a força de trabalho para vender em troca de um salário, que cada dia é menor. Perder o emprego é o pior que pode acontecer.

Os operários esperavam uma resposta do sindicato para enfrentar as demissões. Mas, a direção sindical desapareceu na hora que mais precisava. A pergunta é: como responder às demissões? No interior da fábrica e fora

dela, devemos organizar um comitê de luta. Assim, podemos exigir que o sindicato convoque imediatamente uma assembleia geral, com a participação dos trabalhadores de todas as empresas que prestam serviços à Braskem.

O Boletim Nossa Classe denuncia as demissões e propõe aos operários lutar pela estabilidade no emprego, pela redução da jornada sem redução do salário e pela escala móvel das horas de trabalho, que é a divisão das horas necessárias para produzir entre todos os trabalhadores aptos ao trabalho. Exigimos que o sindicato faça uma assembleia para lutar pela readmissão de nossos companheiros.

Derrotar a reforma trabalhista na Lorenzetti e demais empresas

O Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo informou que a Lorenzetti, depois de muita resistência, assinou o acordo coletivo de 5% de reajuste, abono de 10% em duas vezes e a manutenção das cláusulas sociais. Em assembleia na porta da fábrica, a direção sindical havia denunciado que a empresa queria acabar com a estabilidade para os operários que têm problemas de saúde, sequelas por acidente de trabalho e por doenças profissionais. Queria, também, fazer a homologação dos demitidos na própria fábrica, para fazer a conta a seu favor. Pelo acordo coletivo, a homologação deve ser no Ministério do Trabalho, ou no sindicato. A empresa queria aplicar a quitação anual, criada pela reforma trabalhista, que permite demitir ope-

rários que ganham mais por meio de acordo e recontratar pagando menos. Por outro lado, a empresa pressiona os operários a darem baixa no sindicato e a negociarem individualmente com a empresa.

A direção do sindicato faz críticas à empresa, mas se limita a isso, não organiza a luta de forma consequente. O que vem acontecendo na Lorenzetti indica que a reforma trabalhista acaba com as campanhas salariais, e favorece a superexploração da força de trabalho

O Boletim Nossa Classe defende uma frente única de todos os explorados para derrubar a reforma trabalhista, a lei da terceirização, e impedir a aprovação da reforma da previdência.

Desemprego e emprego informal

O governo termina o ano de 2018 festejando a redução da taxa de desemprego. O que eles não dizem é que essa diminuição se deve ao aumento do trabalho precarizado. Só no último trimestre, foram fechadas 6 mil vagas de trabalho com carteira assinada, enquanto que foram contratados quase 500 mil trabalhadores sem carteira de trabalho. Com isso, bate-se recorde do número de trabalhadores na informalidade. Aqui está a consequência nefasta da reforma trabalhista.

O Boletim Nossa Classe luta para que todo trabalhador seja contratado com carteira assinada e com a jornada de trabalho integral. Defende que as direções das centrais sindicais rompam com a atual paralisação e convoquem imediatamente um movimento nacional para acabar com a reforma trabalhista.

Mobilização na Comgás

Trabalhadores da Comgás (distribuidora de gás canalizado – privatizada em 1999), fizeram, em 21/12, assembleias e aprovaram um plano de luta, para exigir dos patrões que assinem o acordo coletivo de 2018/2019. No dia 28, fizeram uma greve de advertência, parando a produção de duas a quatro horas, em todos os locais de trabalho. Se os patrões não fecharem o acordo, haverá novas paralisações e, se insistirem em não assinar o contrato coletivo, se iniciará uma greve por tempo indeterminado.

O Boletim Nossa Classe entende que esse tipo de ameaça não faz o patrão ceder. É preciso organizar a greve com firmeza. Só assim é possível arrancar a reivindicação.

Teoria Marxista

DEMOCRACIA OPERÁRIA

A democracia é sempre de classe: ou é burguesa ou é operária. O que temos no país não é uma democracia “em geral”, mas a democracia burguesa, pois, o “povo”, na verdade, está dividido em classes sociais: de um lado, a burguesia, que é a minoria que explora o trabalho do operário; e, no lado oposto, a classe operária (ou proletariado), que é a classe que vende a sua força de trabalho e tudo produz. É a classe que encarna, em sua luta contra a propriedade privada dos meios de produção, a libertação do conjunto das classes oprimidas.

A democracia burguesa é indireta ou representativa, a maioria delega poderes a alguém para que tome decisões em seu lugar (vereadores, deputados, presidentes, etc.). Ao contrário, a democracia operária é direta. As decisões

são tomadas coletivamente e colocadas em prática por todos. Uma assembleia operária, por exemplo, funciona através da democracia direta. Ela expressa a vontade da maioria dos operários. Caso a direção do sindicato não permita a discussão coletiva, e caso não cumpra a decisão da maioria, estará contrariando a democracia operária.

O Boletim Nossa Classe defende a democracia operária, que é a democracia direta das massas. Ela também inclui: formar os comitês de fábrica para organizar a luta e defender suas reivindicações, uma imprensa própria (como o Boletim Nossa Classe), para não cair nas mentiras dos jornais burgueses e a utilização dos métodos próprios da classe operária: greves, piquetes, mobilizações de rua, etc.

Divulguem e participem do Boletim Nossa Classe. É um Boletim que vive apenas da contribuição de seus militantes e dos trabalhadores. Façam sua contribuição. Mais do que isso, participem denunciando a exploração nas fábricas.